

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE FILOSOFIA**

KAMYLLA STEPHANY RIBEIRO CAMPOS DA SILVA

**O LIVRO V DA REPÚBLICA
À LUZ DA PERSPECTIVA DO PENSAMENTO CRÍTICO**

**GOIÂNIA
2024**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE FILOSOFIA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Kamylla Stephany Ribeiro Campos da Silva

Título do trabalho: O Livro V da República à Luz da Perspectiva do Pensamento Crítico.

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Anderson De Paula Borges, Professor do Magistério Superior**, em 24/12/2024, às 11:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Kamylla Stephany Ribeiro Campos Da Silva, Discente**, em 25/12/2024, às 21:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5045527** e o código CRC **DB45859F**.

KAMYLLA STEPHANY RIBEIRO CAMPOS DA SILVA

**O LIVRO V DA REPÚBLICA
À LUZ DA PERSPECTIVA DO PENSAMENTO CRÍTICO**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás, sob a orientação do Profº. Dr. Anderson de Paula Borges.

**GOIÂNIA
2024**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Kamylla Stephany Ribeiro Campos da
O Livro V da República à Luz da Perspectiva do Pensamento Crítico. [manuscrito] / Kamylla Stephany Ribeiro Campos da Silva. - 2024.
XLVIII, 47 f.

Orientador: Prof. Dr. Anderson de Paula Borges.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Filosofia (Fafil), Filosofia, Goiânia, 2024.

1 Pensamento Crítico. 2 Conhecimento. 3 Opinião. 4 Ensino de Filosofia. 5 Platão. I. Borges, Anderson de Paula, orient. II. Título.

CDU 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE FILOSOFIA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 23 dias do mês de dezembro do ano de 2024, às 17h, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "O Livro V da República à Luz da Perspectiva do Pensamento Crítico", de autoria de Kamylla Stephany Ribeiro Campos da Silva, do curso de Filosofia-Licenciatura, da Faculdade de Filosofia/FAFIL da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo Prof. Dr. Anderson de Paula Borges, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof.ª Dra. Carla Milani Damião e pela Prof. Doutoranda Carmelita Felício. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final 9,5 tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Anderson De Paula Borges, Professor do Magistério Superior**, em 24/12/2024, às 11:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Kamylla Stephany Ribeiro Campos Da Silva, Discente**, em 25/12/2024, às 21:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carmelita Brito De Freitas Felício, Professora do Magistério Superior**, em 26/12/2024, às 15:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carla Milani Damiao, Professor do Magistério Superior**, em 07/01/2025, às 22:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5030452** e o código CRC **9E9F955D**.

Dedico este trabalho à todas as crianças curiosas que ousaram sonhar, pensar e perguntar e a minha mãe, Luzia, que nunca deixou de acreditar nos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Ressignificar. Quando era criança, sonhava em ser grande. Quando era adolescente, sonhava em ser engenheira, mas logo depois sonhei em ser química. Já mais jovem quando estava fazendo cursinho queria ser advogada, mas com alguma vontade de fazer filosofia assim que concluísse o possível curso de direito. E durante todos esses sonhos quem estava segurando a minha mão e sonhando cada um deles comigo sempre foi a minha mãe, Luzia. A primeira pessoa que contei quando passei em filosofia foi ela e também foi a que mais vibrou comigo essa vitória, porque quem diria que aquela mulher que renunciou tantas coisas conseguiria realizar o sonho de ter sua filha cursando filosofia na UFG. Você, mãe, sempre foi e sempre será a minha maior inspiração e motivo de orgulho. Você que sempre deu prioridade aos meus estudos, com muita luta e força de vontade conseguiu me proporcionar uma vida muito boa. Você que não me deixou desanimar no meio dessa caminhada, agora eu te digo, nós conseguimos mãe, você tem uma filha licenciada em filosofia na UFG, nós realizamos nosso sonho!

Não poderia deixar de agradecer ao apoio incondicional e ao colo único da minha avó, Seir, sem ela nada disso também seria possível e é como sempre te digo vó, se eu for 1% da mulher batalhadora e guerreira que você é, eu tenho certeza que serei uma mulher incrível. Aos meus tios Aldenis, Marcos e Sérgio, por me ajudarem, me aconselharem e me incentivarem em todos os momentos da minha vida, com certeza ela não seria a mesma sem vocês, porque vocês me fazem ser uma pessoa melhor, principalmente, por me mostrarem junto a minha mãe e a minha avó, que eu devo sempre enfrentar o mundo de cabeça erguida e se estudamos podemos conquistar coisas que nunca nos serão roubadas, como o conhecimento. Obrigada minhas crianças, Rafaella, Nicollas e Ana Teresa, por trazerem mais alegria e cor para minha vida, nunca deixem que a criança questionadora que existe dentro de vocês adormeça. Às minhas tias, Chirley, Erika, Ângela e Nilda e ao meu padrasto, Hélio, por estarem juntas/o comigo partilhando a vida, me apoiando e encorajando.

Às minhas primas e aos meus primos que são minhas irmãs e meus irmãos de alma, obrigada Gilberto Júnior, Ana Lara, Yasmin, Maria Eduarda, Eduardo e Larissa, por deixarem a vida mais leve, mais feliz, acreditarem em mim, me instigarem a seguir os meus sonhos, me fortalecerem e serem minha âncora em momentos que eu achei que fosse cair, sem vocês com certeza a minha história não seria a mesma, amo vocês com todo meu coração, de sempre, para sempre!

Às minhas amigas e aos meus amigos, aqui agradeço meus companheiros e minhas companheiras de jornada filosófica, em especial Emmanuel, João Victor,

Débora, Isabella, Tahinny, Suyane, Lara e Lorrany, obrigada por me ajudarem a enfrentar a filosofia, por transformarem a minha experiência nesse curso, trazendo conversas que me acalmavam e também debates que me faziam repensar coisas que pensava saber tão bem. Cada uma das trocas que tivemos foram singulares para mim e guardo com muito carinho em meu coração. Agradeço também às minhas amigas e os meus amigos de vida, principalmente, Luana, Raynnifer, Clara, Marya Eduarda, Eduarda, Felipe, Roberta, Isabel, Ludimila, Sheila, Isabella, Yasmin, Sthefany e Auanny, por serem aconchego, calma, acalento, por compartilharem momentos tão únicos e especiais. Obrigada por terem permanecido aqui comigo, segurando sempre a minha mão, realmente a vida é bem melhor com vocês!

Às minhas professoras da Faculdade de filosofia, Carmelita, carinhosamente chamada de Carmelinha, Adriana, Carla, Martina e Rosângela, por me apresentarem a filosofia de uma outra maneira, pensando criticamente, observando a importância da licenciatura em nossas vidas, mostrando a importância da desconstrução do pensamento filosófico tradicional, como também da necessidade do próprio pensamento que encontramos na filosofia feita por mulheres, na filosofia *ameríndia*, filosofia decolonial e brasileira, mas não descartando o pensamento tradicional. Vocês são pessoas que me inspiram e inspiraram a seguir nessa jornada. Aos meus professores Anderson, Filipe, Cristiano, Almiro, Wellington, Adriano e Fabrício, que me proporcionaram uma experiência filosófica única e de muita qualidade, uma filosofia que também é tão rica e importante para a história da filosofia, foi essencial para minha formação tudo o que aprendi com vocês. Agradeço também a banca por terem aceitado o meu convite para estarem nesse momento tão importante para mim, que é a defesa da minha monografia, muito obrigada!

Ressalto aqui o agradecimento ao meu orientador Anderson de Paula Borges, por me acompanhar desde as aulas de filosofia Antiga, grego, textos essenciais de Platão, em toda minha pesquisa de estágio até a presente monografia. Obrigada por me incentivar, me apoiar, acreditar em mim e na minha escrita, sanar minhas dúvidas e principalmente me mostrar como é importante continuarmos buscando cada vez mais conhecimento. Obrigada por me proporcionar essa experiência incrível dentro do curso, partilhar tantas trocas sobre a filosofia Antiga pela qual temos tanto apreço e também por ser esse platônico que me inspira tanto.

E obrigada filosofia, por ter me escolhido antes de eu escolher você!

Pensar é uma ação. Para todas as pessoas que pretendem ser intelectuais, pensamentos são laboratórios aonde se vai para formular perguntas e encontrar respostas, o lugar onde se unem visões de teoria e prática. O cerne do pensamento crítico é o anseio por saber – por compreender o funcionamento da vida.

bell hooks.

RESUMO

O presente trabalho intitulado *O livro V da República à luz da perspectiva do pensamento crítico*, foi escolhido tendo em vista que a criticidade aparece como um elemento imanente em toda a história da filosofia, desse modo, pode ser analisada tanto do contexto da filosofia antiga, como também da filosofia contemporânea. Dessa maneira, os objetivos dessa monografia foram realizar uma investigação do que seria o conhecimento, a opinião, a ignorância para Platão, visto que na perspectiva desse trabalho o conhecimento será entendido como pensamento crítico e a opinião como pensamento não crítico, além de ter sido feita uma investigação sobre a abordagem ontológica e epistemológica sobre *doxa* e *episteme*, analisando o que seria o ser, o não-ser e as Formas platônicas. A partir de toda essa análise, no último capítulo foi investigado se existem enlaces entre a concepção platônica de pensamento crítico e esse pensamento no contexto contemporâneo, além da possibilidade de um progresso da *doxa* para a *episteme* em uma aula de filosofia, tendo em vista que o ensino de filosofia é um tema que considero fundamental. Depois de toda essa investigação realizada no livro V da República, visto que é nessa obra que Platão deixa claro o que compreende por conhecimento e opinião, é possível chegar à conclusão do Platão entendia que seriam esses conceitos, além de deixar claro que seria preferível que as pessoas tivessem pensamento crítico, no lugar do pensamento não crítico, porque assim estariam asseguradas em um conhecimento que seria verdadeiro.

Palavras-chave: pensamento crítico; conhecimento; opinião; ensino de filosofia; Platão.

ABSTRACT

The present work, entitled *Book V of the Republic from the perspective of critical thinking*, was chosen because criticality appears as an immanent element throughout the history of philosophy, and can therefore be analyzed in the context of both ancient and contemporary philosophy. In this way, the objectives of this monograph were to carry out an investigation into what knowledge, opinion and ignorance would be for Plato, since from the perspective of this work knowledge will be understood as critical thinking and opinion as non-critical thinking, in addition to an investigation into the ontological and epistemological approach to doxa and episteme, analyzing what being, no-being and the Platonic Forms would be. Based on all this analysis, the last chapter investigated whether there are links between the Platonic conception of critical thinking and this thinking in the contemporary context, as well as the possibility of a progression from doxa to episteme in a philosophy class, bearing in mind that the teaching of philosophy is a topic that I consider fundamental. After all this research carried out in Book V of The Republic, since it is in this work that Plato makes it clear what he understands by knowledge and opinion, it is possible to come to the conclusion of what Plato understood these concepts to be, in addition to making it clear that it would be preferable for people to have critical thinking, instead of non-critical thinking, because this way they would be assured of knowledge that would be true.

Keywords: critical thinking; knowledge; opinion; philosophy teaching; Plato.

SUMÁRIO

Introdução.....	14
Capítulo I	
O Pensamento Crítico e o Pensamento não Crítico na <i>República</i> de Platão	
1.1 - O Conhecimento (<i>Episteme</i>).....	17
1.2 - A Opinião (<i>Doxa</i>).....	24
1.3 - A crítica aos poetas e aos sofistas.....	27
Capítulo II	
A abordagem ontológica e epistemológica de <i>Doxa</i> e <i>Episteme</i>	
2.1 - O ser.....	30
2.2 - O não-ser e o estado intermediário das opiniões.....	31
2.3 - As Formas.....	33
Capítulo III	
O Pensamento Crítico no contexto contemporâneo do ensino de Filosofia	
3.1 - Existem enlaces entre a concepção platônica de Pensamento Crítico e ele no contexto contemporâneo de filosofia?.....	36
3.2 - É possível que a/o estudante realize um progresso da <i>doxa</i> para <i>episteme</i> em uma aula de filosofia?.....	39
Considerações Finais.....	45
Referências Bibliográficas.....	47

Introdução

Durante o meu percurso cursando filosofia na Universidade Federal de Goiás, me deparei muitas vezes questionando sobre coisas que são intrínsecas a filosofia e um desses questionamentos foi a respeito do pensamento crítico que é tão atrelado a própria filosofia. Pode-se observar que durante muitos momentos e em muitos âmbitos da vida do ser humano, a criticidade aparece como um elemento quase imanente aos indivíduos, visto que o pensamento crítico é uma capacidade que faz parte da vida das pessoas. Isso é visto não só no nosso ambiente acadêmico, como também em diálogos que temos com colegas, amigas/os e nossa família, onde podemos conversar sobre os mais variados temas. Contudo, será que o que a sociedade vai emitir em um determinado diálogo será um pensamento crítico ou será a emissão de sua opinião? Será que existe a possibilidade de fazer uma diferenciação entre pensamento crítico e pensamento não crítico? Será que é possível fazer um progresso das opiniões para chegarmos em um conhecimento em uma aula de filosofia?

Partindo disso, durante minha experiência na UFG, um filósofo que sempre me chamou atenção foi Platão. Ele apresenta uma concepção que considero muito interessante para pensarmos a respeito das questões acima e essa concepção é a respeito dos conceitos de conhecimento e opinião. Para que eu possa detalhar ainda mais essas questões, utilizarei de sua obra *A República*, especificamente o livro V, para apresentar a distinção que o autor faz desses dois conceitos. Logo, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o livro V d'*A República* à luz da perspectiva do pensamento crítico, compreendendo o conhecimento (*episteme*) como pensamento crítico e a opinião (*doxa*) como pensamento não crítico.

Para que essa monografia fosse realizada foi de suma importância ter um diálogo com o livro *Verdade e Espetáculo: Platão e a questão do ser*, onde a platonista Carolina Araújo organizou artigos de outros comentadores de Platão que escrevem também sobre o livro V, o livro *A República de Platão* de Nickolas Pappas, em que ele esmiuça o livro central deste trabalho e o comenta do início ao fim, um capítulo sobre “Conhecimento” do livro *Apresentação da Filosofia*, em que André Comte-Sponville comenta sobre a existência do conceito de conhecimento contemporâneo, o capítulo “Aprendendo sobre Platão com Aristóteles” de Christopher Shields, em que o autor

consegue apresentar e detalhar a teoria das Formas platônicas, além de alguns excertos de outros diálogos platônicos como *Teeteto*, *Banquete* e *Fedro*.

Ainda comentando a respeito de livros que foram imprescindíveis para que esse trabalho fosse realizado, é importante ressaltar o livro *Platão e o debate educativo na Grécia Clássica* da autora Lidia Maria Rodrigo, que apresenta sua perspectiva sobre o pensamento crítico na educação platônica. Esse livro é importante porque durante a minha graduação em filosofia, tive a oportunidade de estagiar no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) e lá consegui ter contato direto com as/os estudantes. Desse modo, como já pensava em desenvolver minha pesquisa de estágio e minha monografia com a temática de pensamento crítico e relacionando Platão como um filósofo da educação, não poderia deixar de dialogar com esse livro de Lidia Maria Rodrigo. Além disso, apresentarei um diálogo com algumas outras obras que provocam reflexões sobre o pensamento crítico no contexto contemporâneo e, assim, observarei se existem enlaces entre a concepção platônica de pensamento crítico e ele no contexto contemporâneo de filosofia.

Para contextualizar um pouco mais sobre o autor que será trabalhado é necessário que se tenha ciência que Platão nasceu em Atenas, estima-se que entre os anos de 428/427 a.C. e faleceu entre 348/347 a.C. Ele foi um discípulo de Sócrates, por isso fez dele a figura principal de seus livros e, em suas obras escreveu sobre muitos temas, dentre eles, sobre a educação, conhecimento, a virtude, a alma, o amor, a justiça, a retórica, a piedade, etc.

Um aspecto interessante para se pontuar é que a figura de Sócrates é muito emblemática quando pensamos a respeito do pensamento crítico, visto que o que ele fazia nas ruas de Atenas já foi o começo desse estímulo da caminhada para que a sociedade ateniense saísse do mundo das opiniões e progredisse para que chegassem em um conhecimento, como veremos no decorrer dessa monografia.

A partir disso, é importante entendermos também do que se trata *A República* de Platão. Essa obra é um diálogo de Sócrates com alguns interlocutores, dentre eles Gláucon, e é uma idealização do que Platão acreditava ser um modelo da sua cidade ideal, ou seja, quem deveria governá-la, a forma de educação ideal que a cidade deveria ter, o modelo de justiça e também como deveriam ser suas/seus guardiãs/es, assim, era um modelo do que poderia ser a sociedade perfeita para Platão. Dessa forma, no livro V o autor primeiramente nos mostra como deveria ser a educação das mulheres e dos homens que seriam as/os guardiãs/es de sua cidade ideal e depois

nos mostra que faz uma distinção entre conhecimento, opinião e ignorância. Platão nos mostra que compreende que de um lado as pessoas formulam representações do mundo que serão chamadas de opinião e de outro lado formulam representações do mundo que serão chamadas de conhecimento.

O que buscaremos fazer nessa monografia é analisarmos um pouco mais sobre o que seria o pensamento crítico e não crítico, partindo da concepção platônica, compreendermos sobre o que seria a sua abordagem ontológica e epistemológica de conhecimento, opinião e ignorância, além de pensarmos se existe a possibilidade de superar esse pensamento não crítico para nos alicerçarmos em um pensamento crítico, à luz de Platão. Ainda analisaremos nesse trabalho também sobre o pensamento crítico no contexto contemporâneo de filosofia.

Capítulo I:

O Pensamento Crítico e o Pensamento não Crítico na *República* de Platão

1.1 - O Conhecimento (*Episteme*)

Entre pessoas inteligentes e amigas, se conhecemos a verdade, sem correr risco de deslize e com confiança, falamos sobre as questões que para nós são importantes e caras, mas proferir discursos quando ainda temos dúvidas e buscamos respostas, como eu faço agora, é algo que causa medo e insegurança. (Platão, 2014, 451a).

É possível observar a partir dessa primeira passagem d'A *República* que Sócrates sempre teve receio ao proferir seus discursos, visto que ele tinha medo que o que ele falasse para a sociedade fosse apenas uma mentira, podendo ser palavras que enganariam seus amigos e seus interlocutores e não era isso que eu compreendo que ele estava tentando fazer naquela sociedade. Sócrates ficou conhecido em Atenas por ser um indivíduo questionador, que buscava respostas as suas muitas perguntas e na maioria das vezes não as encontrava e foi em um desses momentos que Platão se tornou seu discípulo.

Por isso, quando Sócrates saía pelas ruas e locais públicos de Atenas fazendo indagações aos atenienses, como por exemplo, o que seria a virtude? O que seria a coragem? A pessoa dizia que algo era belo, mas o que é o belo? O que seria a própria definição daquilo em que a pessoa depositava suas crenças? Se deparava com interlocutores que não sabiam ou que não tinham certezas sobre sua concepção de determinado conceito em que acreditavam. Contudo, esses mesmos interlocutores julgavam em um primeiro momento que conheciam sobre o conceito, mesmo não sabendo, visto que o que eles achavam que sabiam eram apenas a multiplicidade que fazia parte do conceito e não o que o fazia ser único, ou seja, eram pessoas que não tinham consciência de sua ignorância. Isso acontecia porque o que esse interlocutor falava era uma mera imitação, por isso não tinha convicção, nem segurança de suas concepções.

Observo que Platão ressalta sempre em seus diálogos que Sócrates considera muito importante que seus interlocutores estejam falando a verdade, visto que diz: “meu medo é que, por ter cometido um deslize quanto à verdade, em relação àquilo em que menos se devem cometer deslizes, não serei só eu a levar o tombo, porque também estarei arrastando meus amigos”. (Platão, 2014, 451a). Não faria sentido para ele ter um diálogo com alguém que estivesse mentindo, tendo em vista que ele se

preocupava principalmente com a segurança epistêmica da premissa, visto que as premissas teriam o poder de convencimento.

Dessa forma, ter um conhecimento sobre algo é o que daria certeza para a pessoa, assim, para ele o conhecimento só poderia ser fundado no inteligível e não no sensível, visto que o inteligível estaria fundamentado na realidade das ideias em si. Nessa perspectiva, é possível entendermos a partir dos diálogos que ele tinha com seus interlocutores, que o que ele estava buscando fazer em seu filosofar era trazer temas que estavam nas profundidades para a superfície, por isso se a posição de seus interlocutores era de acordo com o que a maioria das pessoas iriam estar pensando era preciso que tivessem cuidado, pois a maioria poderia estar errada sobre o que consideravam ter certeza.

Partindo disso que foi exposto sobre Sócrates começamos a entrar propriamente no tema do conhecimento para Platão. É importante recordarmos que como explicitarei na introdução Platão estava buscando um modelo de cidade ideal e nessa sua cidade que seria perfeita quem deveria governá-la seriam as/os filósofas/os, pois ele compreende que somente as/os filósofas/os trabalhariam com a verdade: “- Gláucon: Que são os verdadeiros filósofos, disse, de quem dirás? - Sócrates: Dos que gostam de contemplar a verdade, disse eu.” (Platão, 2014, 475e). Logo, depois desse esclarecimento traz à tona algo que vai ser muito citado durante todo o livro V da *República*, a distinção das/os filósofas/os com as/os amantes de espetáculos, visto que: “de um lado, ponho aqueles de quem falavas agora, os que amam os espetáculos, os que amam as artes e os homens de ação, e, do outro, aqueles de quem estamos falando, os únicos a quem corretamente chamaríamos de filósofos.” (Platão, 2014, 476a-b).

Ele vai expor isso, porque em Atenas era comum que as pessoas que eram contempladoras das grandes obras de artes, chamadas por ele de amantes de espetáculos, como as/os poetas, as pessoas que assistiam as apresentações de músicas, ou seja, de toda forma de arte, como pessoas que julgavam ver a verdade e também a sua essência, contudo, Sócrates expõe para seu interlocutor algo essencial para compreendermos do que Platão entendia por conhecimento, visto que para ele as pessoas que teriam conhecimento conseguiriam definir a essência do conceito discutido, o que seria próprio dele, não algo que seria particular, por exemplo, uma coisa que particularizaria a beleza de determinada pessoa e era isso que as/os amantes de espetáculos faziam, elas/es demonstravam apenas as particularidades

de cada conceito, reconheciam muitas propriedades dispersas na realidade desses conceitos, mas não seriam capazes de conhecer as Formas deles, visto que quem conseguiria fazer isso seriam apenas as/os filósofas/os, por isso era difícil encontrar pessoas que buscassem o que era próprio de determinado conceito:

Sócrates - Os que são capazes de buscar o próprio belo, de contemplá-lo em sua essência, não seriam raros?

Gláucon - Muito raros.

Sócrates - Então, quem reconhece as coisas belas, mas não reconhece o próprio belo, nem quando alguém o conduz ao conhecimento dela, embora ele seja capaz disso, na tua opinião, vive de uma visão de sono ou de vigília? Atenta para isto! (Platão, 2014, 476c).

Um livro que é fundamental para compreendermos essa distinção entre filósofas/os e amantes de espetáculo é *A República de Platão* do autor Nickolas Pappas, esse livro é imprescindível porque nos auxilia a fazer não apenas essa distinção, mas também a trilhar um caminho por toda *A República*, mas nesse trabalho vamos nos ater apenas ao livro V que é o nosso objeto de estudo. A distinção é realizada porque muitos dessas/es amantes queriam estar no poder da cidade, mas como essas pessoas poderiam estar no poder se o que elas falavam não seria um saber que viria da verdade, mas sim de um outro tipo de saber? Saber esse que viria dos espetáculos, ou seja, não seria de uma fonte que Platão consideraria segura para que as pessoas se sustentassem:

O desafio para Platão está em distinguir os filósofos dos seus imitadores, ou seja, dos ditadores que usurpam o poder, apenas armados de falsa confiança na sua superior sabedoria. Por isso, Sócrates dispõe-se, de imediato, a definir o filósofo. Chama ao filósofo um amante de todo o tipo de saber, mas Gláucon assinala que os amantes de espetáculos e de sons (onde se incluem, sobretudo, os sons dos discursos políticos), também gostam de saber. É por isso que Sócrates traça uma linha nítida entre os filósofos e os seus rivais. (Pappas, 1996, p. 140).

É importante que destaquemos ainda nesse livro de Pappas uma parte que considero central do argumento de Platão no livro V que é a afeição das/os filósofas/os pelo saber, desse modo, o autor vai explicitar que é a partir do amor da/o filósofa/o pelo saber, que ela/e conseguiria produzir conhecimento, assim, por ter esse conhecimento ela/e seria a pessoa necessária para que se tornasse a/o governante da cidade ideal platônica, visto que ninguém mais além dela/e conseguiria amar toda a espécie de saber:

- (1) Os filósofos amam toda a espécie de saber.
- (2) Ninguém mais ama toda a espécie de saber.
- (3) O amor por toda a espécie de saber produz o conhecimento das questões éticas.
- (4) O amor por toda a espécie de saber produz a virtude.

- (5) Graças a 3 e 4, o amor de toda a espécie de saber transforma a pessoa num governante virtuoso e experiente.
 (6) De 1, 2 e 5 segue-se que alguém é um governante virtuoso e experiente se, e apenas se, for um filósofo.
 Este argumento, se funcionar, defenderá a teoria política de Platão. (Pappas, 1996, p. 139).

Ainda pensando sobre essa dicotomia entre filósofos/os e amantes de espetáculo existe um outro texto que considero muito importante para nos ajudar, ele é o *Conhecimento filosófico e opinião política no livro V da República de Platão* de Franco Ferrari, onde o autor explicita também que as/os filósofos/os estariam ligadas/os totalmente a verdade das coisas enquanto as/os amantes de espetáculos se ligariam a multiplicidade dessas mesmas coisas, ou seja, podemos compreender a partir disso que além de a/o filósofa/o estar preocupada/o com a verdade, ela/e também procuraria o X em si e não propriamente as coisas que vão ou podem constituir o X:

Os filósofos se caracterizam pela sua relação com a verdade, e esta última tem a ver de algum modo com o conhecimento das ideias ou formas. [...] O filósofo, diferentemente dos amantes dos espetáculos, das técnicas e das atividades práticas, é capaz de voltar seu interesse intelectual para as ideias, isto é, para o belo em si, o bom em si e as outras ideias. Cada uma destas realidades constituem uma unidade que dela participam: enquanto os amantes dos espetáculos reconhecem somente a existência das muitas coisas belas, o filósofo é capaz de distinguir o belo em si, ou seja, a ideia do belo (que é uma), das muitas coisas belas (sons, cores e figuras). (Ferrari, 2014, p. 17-18).

Nessa citação aparece uma frase que fala sobre o conhecimento das ideias ou Formas, contudo, esse é um tema caro para Platão e desse modo o trabalharei no próximo capítulo, tendo em vista que essa parte do conhecimento faz parte da abordagem ontológica e epistemológica de *doxa* e *episteme*, ou seja, do conhecimento como ser, da opinião como um estado intermediário entre o ser e o não-ser e a ignorância como o não-ser. Como é um tema que considero que deve ser aprofundado com um certo cuidado, visto que se trata de um conteúdo que considero um pouco mais complexo d'*A República*, é necessário que primeiro compreendamos bem sobre o que ele está entendendo por conhecimento e opinião, ou seja, sobre pensamento crítico e pensamento não crítico para depois pensarmos sobre essa parte ontológica e epistemológica que é encontrada nessa obra.

É interessante pensarmos também que no diálogo *Fedro* de Platão, cujo livro é um dos seus diálogos da maturidade, em que ele escreveu sobre o amor, mas também sobre a retórica e sobre a invenção da escrita, a questão do conhecimento já aparece e nele fica claro a importância de conhecer a essência das coisas para Sócrates, além

da importância de definirmos os conceitos, visto que ele entendia que saber também seria poder definir e muitas pessoas acreditavam saber sem definir os conceitos que discutiam:

A maioria dos homens não nota, que ignora a essência das coisas. Isso, porém não os impede de acreditar erroneamente que a conhecem; segue-se daí que no começo de uma pesquisa não definem as suas opiniões, acontecendo depois o que era esperado: tais pessoas não concordam consigo mesmas, nem com as outras. (Platão, 2016, p. 69).

Nesse aspecto, pensando no livro V da *República*, Platão nos apresenta que o conhecimento, do grego *episteme*, seria encontrado pelo pensamento, assim, procurá-lo seria procurar o que o pensamento conheceria da realidade e verdade de uma coisa, ideia ou valor. Nessa perspectiva, para Platão as ideias iriam se referir a essência invisível e verdadeira das coisas só podendo ser alcançadas pelo pensamento puro que afastaria os dados sensoriais, os hábitos, os preconceitos e as opiniões: “- Sócrates: Então teríamos razão em afirmar que o pensamento dessa pessoa, que é alguém que conhece, é conhecimento, mas o do outro, que é alguém que emite um parecer seu, é opinião. - Gláucôn: É bem assim.” (Platão, 2014, 476d).

O conhecimento para Platão teria características que a opinião não conseguiria ter, tendo em vista que para o autor o conhecimento não mudaria, assim, como a ciência também não, visto que o que é afirmado cientificamente, só o seria depois de muita investigação e comprovação, a verdade para ele não poderia ser corrigida, por isso para Platão verdade, conhecimento e ciência estariam relacionados: “conhecimento e ciência por um lado, e, por outro, opinião: quem não crê existir esse belo, mas somente as coisas belas, tem mera opinião; quem julga que ele existe tem conhecimento.” (Platão, 2014, XVII).

Desse modo, para Platão conhecer teria uma relação direta com a ideia e as ideias são instrumentos que a/o filósofa/o teriam para descobrir a verdade e ela/e só alcançaria pelo pensamento. É importante que se compreenda que a verdade exigiria uma certa estabilidade e a sensibilidade não conseguiria preservar a verdade das coisas, pois a opinião também estaria relacionada com a falsidade. No texto *Ser e poder: sobre o governo do filósofo* de Carolina Araújo ela apresenta que “o argumento sobre o governo dos filósofos se apoia no poder da filosofia em definir o que algo é e de agir tendo por modelo o que é verdadeiro e bom – e não no poder de atuar sobre outros, de persuadi-los ou de gerar mudanças na cidade enquanto tal.” (Araújo, 2014, p. 112). Assim, podemos continuar compreendendo que Platão buscava se assegurar nessa essência que definiria o objeto e que seria verdadeira e não no que geraria

mudanças, enganação, que nesse caso seriam as mudanças e as persuasões que seriam realizadas pelas pessoas que emitiriam suas opiniões.

É preciso ser pontuado que o pensamento crítico na concepção platônica já seria o próprio pensamento filosófico, tendo em vista que o pensamento filosófico estaria alicerçado em verdades, ou seja, no verdadeiro conhecimento formulado pela razão. O verbo que daria origem a crítica seria *krínô*, que seria a capacidade de julgar o que estaria em jogo em determinada realidade. Logo, para Platão essa capacidade seria o que caracterizaria a/o filósofa/o. Desse modo, uma passagem do livro *Teeteto* de Platão me chama muita atenção para pensarmos a respeito disso:

Teeteto - A que chamas pensar?

Sócrates - A um discurso que a alma discorre consigo mesma acerca das coisas que examina. Digo-te isto como se não soubesse, pois esse é o modo como a alma se me apresenta quando pensa: não faz mais do que dialogar, perguntar e responder a si própria tanto ao afirmar, como ao negar. Mas, quando chega a algo definido, seja devagar, seja de repente, lança-se sobre isso e afirma-o sem vacilar. (Platão, 2010, p. 189e-190a).

Partindo dessa citação podemos refletir a importância que o conhecimento teria para Platão, visto que o conhecimento para ele teria que ser um exercício que seria realizado na alma de cada pessoa, não seria apenas uma memorização ou uma repetição do que a pessoa leria. É necessário pensarmos a respeito pois existe um tema caro para o autor que também se relaciona com essa passagem que é o da teoria da reminiscência, nela o conhecimento de certas ideias dependeria do que já estaria na alma de cada indivíduo, assim, o conhecimento seria rememoração. Desse modo, algumas experiências empíricas seriam sim cognitivas e algumas realidades não iriam depender dos sentidos, logo, quando os indivíduos tivessem experiências com algo, isso o faria lembrar, resultando na reminiscência.

É preciso refletirmos também a respeito dos diálogos platônicos quando pensamos sobre o conhecimento, principalmente a partir das leituras que são realizadas das obras *A República* e *Teeteto*, onde podemos observar propriamente diálogos sobre o conhecimento, tendo em vista que muitas vezes quando as/os leitoras/es estão os lendo pensam que no momento que Sócrates está conversando com seus interlocutores é sempre uma competição entre eles, mas na verdade é um diálogo cooperativo entre os mesmos.

O autor compreende que o pensamento crítico não seria apenas um exercício que a pessoa faria para desenvolver críticas, mas para entender que nem tudo seria cabível de críticas. Sendo assim, a crítica seria vista como uma capacidade para ver melhor a realidade. Dessa maneira, para o autor as pessoas que desenvolveriam essa

criticidade estariam ligadas a racionalidade e por isso o autor entenderia que só tem pensamento crítico quem estivesse no âmbito da razão, desse modo, somente aquelas pessoas que compreenderiam o que poderia ser conhecido, ou seja, o que seria cognoscível: “- Sócrates: O que é de maneira plena é cognoscível de maneira plena, mas, se de maneira alguma é, não é de forma alguma cognoscível? - Gláucon: Muito suficiente.” (Platão, 2014, 477a). Para Platão não existiria criticidade sem um certo nível de abstração, essa seria sua condição para que a pessoa desenvolvesse o senso crítico.

Para Platão outra característica que seria atribuída ao conhecimento seria o seu caráter infalível, ou seja, a infalibilidade que ele possui impediria a pessoa de cometer erros sobre determinado objeto, visto que o que a opinião produziria seriam opiniões falíveis e facilmente fadadas a mudança e isso não era algo que Sócrates estava buscando: “- Gláucon: Como poderia alguém de senso, disse, dar como o mesmo o infalível e o não infalível? - Sócrates: Bem, disse eu, está evidente que estamos de acordo em que a opinião é algo diferente da ciência.” (Platão, 2014, 477e-478a). Além disso, essa infalibilidade seria o que daria a certeza da grande importância do poder do conhecimento em relação à opinião: “tão absoluto poder tem a garantia da infalibilidade do conhecimento dos filósofos.” (Pappas, 1996, p. 152). É importante compreendermos que do ponto de vista platônico se o pensamento estivesse equivocado ou limitado já não seria conhecimento e sim opinião, pois para afirmar algo como conhecimento teria que ser realizada muita investigação, ou seja, a pessoa já teria passado por um longo caminho de análise sobre aquela definição e o que a faria única.

Desse modo, para o autor quando um indivíduo teria conhecimento o conteúdo que ele traria mudaria, tendo em vista que a formulação daquele tema que ele passaria a compreender seria totalmente diferente. Por isso poderíamos dizer que a capacidade de ter conhecimento apresentaria uma outra perspectiva de determinado objeto, visto que o que a pessoa passaria a ter seria um conhecimento, não mais uma opinião. Assim, a capacidade do conhecimento seria diferente da capacidade da opinião, sendo a capacidade do conhecimento as coisas que são cognoscíveis e a da opinião as coisas que são opináveis, o objeto não iria além daquilo que seria a opinião:

Sócrates - Dizemos que a opinião é alguma coisa?

Gláucon - Como não?

Sócrates - É outra capacidade que não é a ciência ou a mesma capacidade?

Gláucon - Outra.

Sócrates - Ah! O objeto da opinião é um e o da ciência é outro, de acordo com a capacidade de cada uma delas. (Platão, 2014, p. 477b).

Por isso, uma pessoa poderia ter opinião e conhecimento sobre o mesmo objeto, mas o conteúdo não seria o mesmo, porque assim ela estaria regredindo, visto que quando ela passou a conhecer, ela conheceu a integralidade daquele conhecimento e não ele parcialmente: “conhecimento é definido como um poder que realiza completamente saber o ser como ele é.” (Araújo, 2014, p. 138). Dessa maneira, para Platão não teria como a pessoa ter uma opinião de volta de um objeto que ela passou a ter o conhecimento, tendo em vista que o conhecimento seria “difícil”, fruto de um trabalho árduo de investigação, que exigiria muito estudo e compreensão, já a opinião para Platão seria “fácil”, bastando que a pessoa tivesse uma boa memória e apenas memorizasse o que uma outra pessoa explicou ou mesmo as coisas pelas quais experienciou.

Então a partir de tudo isso que foi analisado nesse primeiro tópico sobre o conhecimento podemos concluir algumas partes que considero essenciais do argumento de Platão no livro V d'A *República* sobre o pensamento crítico. Compreendemos até esse momento que as pessoas ideais, na perspectiva de Platão, para governar a sua cidade perfeita seriam as/os filósofas/os, porque somente elas/es teriam amor pelo conhecimento e conseqüentemente trabalhariam com a verdade. Que Platão estava buscando a realidade das ideias em si e não o que poderia particularizar as ideias, ou seja, buscava o que a tornava uma e não a sua multiplicidade. Além de que o conhecimento seria cognoscível (que desse modo podemos conhecer o que ele seria), perfeito e infalível (que não seria passível de mudanças, o seu conceito seria sempre o mesmo e nem seria uma fonte de erro e engano). A partir do que compreendemos nesse primeiro momento sobre o que seria o pensamento crítico (conhecimento) para Platão, é importante analisarmos e esmiuçarmos um pouco mais sobre o que o autor estaria entendendo sobre opinião, além de investigarmos porquê ele fez tantas críticas aos poetas e aos sofistas.

1.2 - A Opinião (*Doxa*)

Platão compreende que o pensamento não crítico seria a opinião, do grego *doxa*. Assim, diz que se uma pessoa estivesse opinando ela estaria emitindo a sua impressão sobre determinada coisa. As opiniões para o autor seriam imagens trazidas das coisas, trazidas pelos órgãos dos sentidos de cada indivíduo, seus hábitos, sua

cultura, suas tradições e também pelos seus interesses. É importante entendermos que para o autor, a opinião seria mutável, dependeria de cada indivíduo, sendo assim, de seus gostos e suas preferências, logo, a marca da opinião seria sua variabilidade.

Dessa maneira, Platão compreende que as pessoas que emitiam suas opiniões na cidade seriam as/os amantes de espetáculos e como elas/es não conseguiriam ver a essência das coisas, ou seja, a essência da virtude, do belo, da justiça e só viam as coisas que poderiam fazer parte da virtude, do belo e justiça, não conseguiriam então ter um conhecimento sobre elas: “os que amam as audições e os que amam os espetáculos são extremamente ligados às belas vozes, às cores, às formas e a todas as obras executadas por tais demiurgos, mas a inteligência deles é incapaz de ver a natureza do próprio belo e de ligar-se a ele afetivamente.” (Platão, 2014, 476b).

Nesse aspecto, as opiniões seriam vistas como fonte de erro, uma mentira e falsidade, ou seja, seriam formas imperfeitas de conhecimento para Platão e que nunca alcançariam a verdade plena da realidade, devendo ser abandonadas, para que desse modo o pensamento seguisse o caminho para o conhecimento verdadeiro. Ressaltando que a opinião seria falível, ou seja, poderia resultar em um erro ou em um engano, assim, as pessoas poderiam mudar de opiniões constantemente e por isso elas também poderiam ser falsas:

Há uma diferença entre ter opiniões que se entendem como conhecimento e ter opiniões que se entendem como opiniões. Essas últimas só são possíveis por um reconhecimento dos limites humanos e do que significa conhecer, portanto, só pelo reconhecimento da existência das ideias, que de resto seria obtido por um argumento semelhante ao apresentado aos amantes de espetáculos. Saber que há ideias é diferente de saber como elas são, esse último estritamente o critério de conhecimento. Isso faz com que reconhecer a condição intermediária da opinião, e a sua consequente dependência do conhecimento para a verdade, seja o primeiro passo para a busca da verdade e da distinção entre opinião verdadeira e falsa, essa última, claro, também distinta da ignorância. (Araújo, 2014, p. 132).

Por isso a autora Carolina Araújo nos mostra também algo que considero crucial em nossa investigação, que além de mostrar a diferença das opiniões que são consideradas verdadeiras das opiniões que são consideradas falsas, traz à tona a distinção que: uma pessoa conseguir reconhecer que existem ideias é totalmente diferente dessa pessoa saber o que são essas ideias. O ponto de Platão é, ele sabe que as/os amantes de espetáculos muitas das vezes reconheceriam as ideias, mas não conheceriam sua essência, assim, acabariam por estar opinando sobre essas ideias, tendo em vista que reconhecer não seria conhecimento.

A *doxa* para Platão seria um pensamento proposicional que teria uma estrutura, tendo essa estrutura um sujeito e predicado, assim, seria uma sentença que a pessoa exprimiria. Desse modo, seria frequente as pessoas terem opiniões, por isso existiria uma grande quantidade de casos em que as opiniões iriam predominar, visto que pelo que Platão compreendia sobre a opinião, seria mais “fácil” formularmos opiniões com base no que sentimos e vemos, do que formular um conhecimento, pois chegaríamos nesse conhecimento somente após muita investigação e a opinião como observamos teríamos sem muita análise.

Como visto no tópico anterior sobre o conhecimento, a capacidade da opinião seria diferente da capacidade do conhecimento, assim, observo uma necessidade para explicitar um pouco mais sobre essa parte das capacidades dentro desse tópico da opinião. É importante compreendermos que na própria obra *A República* fica claro que tanto a capacidade da opinião seria uma, como a capacidade do conhecimento seria outra, visto que se suas capacidades fossem as mesmas, lhes seria atribuído o mesmo nome e o que elas produziram seriam a mesma coisa: “numa capacidade, só atento para seu objeto e seu efeito, e foi por essa razão que dei a cada uma delas seu nome, atribuindo o mesmo nome às que têm o mesmo objeto e o mesmo efeito e nome diferente às que têm objeto e efeito diferente.” (Platão, 2014, 477d). Ou seja, a partir dessa citação, podemos confirmar então que para Platão realmente a capacidade do conhecimento seriam as coisas cognoscíveis e a capacidade da opinião seriam as coisas opináveis:

Sócrates - Retornemos, meu excelente amigo, àquilo de que estávamos falando, disse eu. Afirma que a ciência em si é uma capacidade ou em que espécie a classificas?

Gláucon - É uma capacidade, disse, e entre todas a que tem mais força.

Sócrates - E a opinião? Nós a classificaremos como capacidade ou a incluiremos em outra espécie?

Gláucon - De forma alguma, disse. Aquilo com que somos capazes de opinar não é outra coisa senão a opinião. (Platão, 2014, 477e).

É preciso entendermos que as opiniões precisariam ser analisadas no seu conteúdo. A opinião poderia ser verdadeira quando exprimisse um conteúdo sobre determinada tema e objeto e poderia ser falsa quando não exprimisse o conteúdo de determinado tema e objeto. Dessa maneira, a opinião precisaria ser reformulada, não só pensada, por isso que os interlocutores de Sócrates estavam emitindo suas opiniões, pois estavam falando e não só pensando. Para o autor, as pessoas geralmente teriam opiniões sobre todos os temas e conseguiriam falar sobre eles, por isso que citei que seria “fácil” ter opiniões, já o conhecimento exigiria de cada pessoa

bem mais do que o que ela apenas pensaria sobre determinado assunto ou tema, mas pelo que Platão deixa entendido n' *A República*, precisaria ser feito um longo caminho de investigação para que assim as pessoas chegassem nesse conhecimento verdadeiro, ou seja, no pensamento crítico.

1.3 - A crítica aos poetas e aos sofistas

A partir dessas duas distinções sobre pensamento crítico (conhecimento) e pensamento não crítico (opinião), chegamos em um ponto que considero importante também para o caminhar dessa monografia que é buscarmos entendermos um pouco do porquê Platão fez tantas críticas aos poetas e aos sofistas. Assim, podemos compreender que as críticas feitas a eles, foram realizadas pensando principalmente no ideal educativo da sua cidade perfeita.

Essas críticas foram feitas porque Platão entendia que os poetas eram grandes imitadores, logo, não seria bom que as/os jovens guardiãs/es em formação da sua cidade ideal fossem imitadoras/es, porque poderiam “incorporar” isso em suas personalidades e seria extremamente prejudicial, visto que muitos dos poetas falavam sobre deuses e também sobre os comportamentos que os mesmos tinham, desse modo, Platão observa que seria necessário que a poesia fosse retirada da educação de suas/seus guardiãs/es, pois esse modelo de comportamento que eles representam em suas poesias resultaria apenas em falsidade e falta de moralidade, pois os seus comportamentos morais eram indesejados para que fossem replicados por suas/seus guardiãs/es. Entretanto, se ocorresse uma imitação (*mimesis*) o que deveria ser imitado seriam as qualidades julgadas como boas por Platão: como a coragem, a liberdade, a pessoa justa, etc.:

Primeiro, Sócrates proíbe que os jovens guardiães sejam expostos ao influxo das lendas que pintam os deuses iniciando no mal, promovendo o sofrimento injustificado, mudando de aparência ou mentindo. Tais mitos representam negativamente os deuses e propõem aos jovens modelos de comportamentos iníquos. De igual modo, não devem as lendas dedicadas aos deuses ou heróis humanos mostrá-los tão fracos e desprovidos de dignidade que devam os guardiães evitar compartilhar aqueles traços de caráter. (Pappas, 1996, p. 85).

Além de ressaltar que o poeta teria o poder de enganar a grande massa da sociedade e também a seduziria com suas palavras, assim, enganariam a sociedade a partir de suas opiniões e imitações e não propriamente de um conhecimento verdadeiro, como Lidia Maria Rodrigo cita em sua obra *Platão e o debate educativo na Grécia Clássica*:

Platão não coloca em questão a dimensão estética da poesia, isto é, não pergunta se ela é bela, mas duvida de seu valor educativo numa cidade bem constituída; daí o conteúdo poético ser julgado pela perspectiva da sua veracidade e de suas consequências no campo da conduta moral. (Rodrigo, 2014, p. 39).

E para entendermos a crítica de Platão referente aos sofistas, ela ocorreu justamente porque para o autor o que os sofistas faziam com as pessoas em Atenas era ensiná-las a retórica, ou seja, ensinavam a arte da persuasão ou a arte do falar bem, contudo, a crítica não era propriamente porque eles ensinavam a persuadir, pois como veremos na citação a seguir podem existir dois tipos de persuasão, uma que advém do saber e outra que advém da crença, ou seja, de uma opinião que não é baseada no saber. Desse modo, não importava para os sofistas se eles estavam ensinando as pessoas a mentirem ou a falarem a verdade, mas importava apenas que essas pessoas quando estivessem em assembleias, proferindo seus discursos, conseguissem convencer seus interlocutores sobre o que estavam falando e geralmente o que proferiam era na maioria das vezes suas crenças sobre determinado tema, pois o que estava em jogo para convencer as outras pessoas não seria um saber, um conhecimento, como Lidia Maria Rodrigo pontuou:

Resta saber no que consiste precisamente a persuasão produzida pela retórica, pois, segundo Platão, há dois tipos de persuasão: uma, que é efeito da ciência e do saber, e outra, produzida pela mera crença, sem apoio no saber. A primeira resulta do ensino, uma vez que quem ensina também persuade sobre aquilo que ensina; nesta modalidade, a convicção é solicitada com base na apresentação de razões ou justificativas racionais, do que resultaria uma concordância fundamentada no saber, no conhecimento objetivo. A persuasão retórica, ao contrário, incute crença sem nada ensinar; sendo assim, a função do orador não seria instruir, mas apenas persuadir, muitas vezes fazendo usos de recursos que visam mais comover ou sensibilizar do que fazer compreender. (Rodrigo, 2014, p. 36).

O que eles estavam propondo não levavam as pessoas à reflexão e a criticidade, seria apenas uma imitação: “o mimetismo conduz os jovens a maus hábitos, à linguagem grosseira, a respostas inapropriadas às crises. Assim, os jovens guardiães deverão quando muito dramatizar a vida e os feitos dos modelos das suas mais virtuosas atribuições” (Pappas, 1996, p. 89). Assim, o importante para eles era ensinarem as pessoas a persuadirem não importando que fosse ensinado um conhecimento, pois conseguiriam convencer as outras pessoas através de suas opiniões. É interessante pensarmos também que tanto os poetas como os sofistas não se importavam com a construção de conceitos, nem com o conhecimento verdadeiro, como Lidia Maria Rodrigo ressalta:

O verdadeiro conhecimento ou ciência constrói-se por meio do conceito, pois este exprime a essência das coisas. As opiniões de seus interlocutores – que

Sócrates refuta no curso do diálogo - apresentam os aspectos secundários e acidentais das coisas como se fossem a sua essência. Entretanto, as qualidades acidentais podem variar sem que a essência seja afetada. (Rodrigo, 2014, p. 86).

Um ponto que considero crucial e não poderia deixar de ser trabalhado nesse tópico das críticas aos poetas e aos sofistas é a preocupação de Platão referente aos exemplos do que os livros que existiam na sociedade poderiam causar nas/os jovens guardiãs/es de sua cidade ideal. A partir de tudo que foi explicitado, podemos compreender que o autor tem um grande apreço pela moralidade e das coisas que resultam dela, logo, para ele é fundamental que as poesias sejam expulsas pensando na educação ideal de sua cidade porque elas poderiam enaltecer comportamentos que ele julgava não serem bons para que uma/um guardiã/o tivesse:

Qualquer livro de história fornece narrativas de tiranos vivendo próspera e longa vida, mas deixando duvidosos exemplos morais através da realidade das suas existências. Platão nunca louvaria tais narrativas pela mera consideração da sua verdade. [...] O seu plano educativo tem por alvo, acima de tudo, inculcar nos jovens soldados modelos corretos de comportamento. (Pappas, 1996, p. 86-87).

Nesse aspecto, observamos ainda como é primordial a distinção entre as diferentes formas de persuasão que existiriam para Platão, além de deixar claro que apenas a persuasão que é baseada no saber teria uma responsabilidade com o conhecimento, assim, podemos entender que somente as/os filósofas/os o teriam, tendo em vista que principalmente os sofistas estavam mais próximos da opinião, que não é pautada na verdade e no fluxo constante das mudanças do que no conhecimento verdadeiro e seguro:

A oposição entre saber e persuasão tem a intenção de evidenciar que o discurso sofisticado não tem compromisso com o verdadeiro conhecimento; a aparência de saber é suficiente para persuadir a massa ignorante, bastando adotar o artifício de apelar para uma aparência sedutora, em lugar de convencê-la pela verdade. (Rodrigo, 2014, p. 65).

Nessa perspectiva, a partir de tudo o que foi analisado nesse primeiro capítulo, onde compreendemos o que seria o conhecimento, a opinião e as críticas aos poetas e aos sofistas realizadas por Platão, buscaremos entender no próximo capítulo a outra parte do argumento do livro V d' *A República*, que trata sobre a abordagem ontológica e epistemológica de *doxa* e *episteme*, nos aprofundando na análise sobre o ser, o não-ser e sobre o que seriam as Formas para Platão.

Capítulo II

A abordagem ontológica e epistemológica de *Doxa* e *Episteme*

2.1 - O ser

No primeiro capítulo investigamos uma primeira parte do argumento presente n'A *República*, sobre o que seria o conhecimento, ou seja, o pensamento crítico e a opinião, o pensamento não crítico, para Platão. Contudo, o que explicitarei para vocês sobre isso não é tudo o que sabemos sobre conhecimento e opinião, visto que como expliquei anteriormente existe uma parte final do livro V que trata da abordagem ontológica e epistemológica de *doxa* e *episteme*, assim, é nesse capítulo que iremos trabalhar o argumento do livro V d'A *República*. Dessa maneira, compreendemos a ontologia como o estudo dos entes, ou seja, do ser, já a epistemologia podemos entender como o estudo das maneiras que podemos obter esse conhecimento, assim, os dois vão estar interligados.

Desse modo, n'A *República*, Platão apresenta que: “- Sócrates: O objeto da ciência é o ser, conhecer sua essência? - Gláucon: Sim.” (Platão, 2014, 478a). Dessa maneira, compreendemos que o conhecimento se relacionaria com o ser, ou seja, o ser seria uma noção que expressaria a realidade de determinado objeto ou tema, assim, o ser seria a busca da essência desse objeto ou tema, seria o que iria o individualizar e o fazer único: “o objeto próprio do conhecimento é o ser, e que sua realização própria é conhecer o ser como ele é.” (Araújo, 2014, p. 123).

A partir disso, podemos entender que para Platão as Formas seriam objetos que teriam esse ser, visto que como veremos em um tópico posterior desse mesmo capítulo, em que Platão vai estar buscando compreender e apresentar uma definição do que são essas Formas. Assim, elas seriam seres com estrutura de ser estável, entretanto as coisas que seriam particulares, apresentariam uma estrutura instável, tendo em vista que as Formas estariam buscando o X em si, ou seja, o belo em si, o justo em si, a virtude em si e não as coisas que seriam belas, as coisas que seriam justas ou as coisas que seriam virtuosas:

Se a unidade da ideia pertence à esfera do ser, a multiplicidade das instâncias se refere ao âmbito da aparência. Deste modo, Sócrates distingue, de um lado, o justo em si, a ideia de justiça (que é e é uma) e, de outro, as ações, os comportamentos e, eventualmente, as outras ideias nas quais a ideia de justo se instancia (que naturalmente aparecem como múltiplos). (Ferrari, 2014, p. 18-19).

2.2 - O não-ser e o estado intermediário das opiniões

Desse modo, a partir do livro V d'A *República*, podemos observar três estados possíveis: um para o conhecimento, outro para a opinião e o último para a ignorância (*agnosia*). O conhecimento para Platão nós compreendemos que seria o ser, já o seu estado correlato negativo absoluto seria o não-ser, dessa maneira, o não-ser seria tudo o que o X não é. Assim, podemos entender como esse estado de ignorância do não-ser quando um indivíduo não apresentaria em seu discurso nenhuma das propriedades essenciais do objeto que teria que ser definido, ou seja, quando a pessoa não conseguiria ter a essência do conceito, logo, não teriam consciência sobre o que ele seria:

Sócrates - O objeto da ciência é o ser, conhecer sua essência?

Gláucon - Sim.

Sócrates - Ela conhece o mesmo que a ciência? A mesma coisa é acessível à ciência e a opinião? Ou isso é impossível?

Gláucon - Impossível. [...]

Sócrates - Ao não ser, necessariamente, atribuímos a ignorância, mas ao ser o conhecimento?

Gláucon - Com razão, disse. [...]

Sócrates - Ah! Então não há opinião nem sobre o ser nem sobre o não ser?

Gláucon - Não. [...]

Sócrates - Ah! A opinião seria um meio-termo entre os dois?

Gláucon - Certamente. (Platão, 2014, p. 478a-e).

Outro ponto fundamental a ser compreendido a partir dessa citação, é que ela deixa evidente que as opiniões não são o ser, nem são o não-ser, mas sim um estado intermediário entre eles. Por isso, Platão entendia que as opiniões não seriam a ignorância absoluta, ou seja, desconheceria a definição de todas as coisas, mas também não seria um conhecimento absoluto, mas um meio-termo entre esses dois estados. A partir disso, poderiam existir opiniões que seriam verdadeiras e opiniões que poderiam ser falsas, no entanto, a opinião falsa não corresponderia à identidade do objeto, por isso seria "fácil" ter opiniões, elas poderiam até ser verdadeiras ou verdadeiras e falsas, mas a pessoa não conseguiria saber a diferença entre elas, visto que para saber se ela seria falsa, a pessoa teria que construir fundamentações para essa busca e assim chegaria em um conhecimento, não seria mais apenas uma opinião.

É importante salientar que podemos entender a opinião verdadeira como: uma pessoa reconheceria que existiria uma essência do belo, contudo, ela não saberia o que seria a sua essência, por isso a opinião não se igualaria a ignorância, porque na *agnosia* eles não teriam nem esse reconhecimento da essência, mas sim total ignorância sobre ele. Desse modo, a opinião falsa não é ignorância, mas seria um

conteúdo, entretanto, ele seria falso, visto que não corresponderia a essência desse conteúdo. Indo de encontro com o que Lidia Maria Rodrigo pontua:

Platão admite a existência de uma “reta *doxa*” ou uma opinião correta em várias obras. [...] A opinião correta não constitui saber ou ciência, mas também não é identificada com a ignorância; ela acaba por ser acomodada num lugar intermediário, entre o entendimento e a ignorância. (Rodrigo, 2014, p. 120).

É possível observarmos em algumas passagens d’A *República* que Platão admitia que existiria um grau de realidade, ou seja, de ser na opinião, por isso ela estaria nesse estado intermediário. Platão dá atenção as coisas não físicas e muitas coisas que não são físicas não seriam reais. Dessa forma, tanto o conhecimento, como a opinião teriam uma realidade, já a ignorância seria a ausência de relação com qualquer conteúdo:

Para Platão, o verdadeiro conhecimento tem como objeto as Formas inteligíveis, existentes numa realidade além e independente das nossas percepções sensíveis; são objetos unicos, que não nascem, não perecem, nem se modificam. Só eles podem ser suportes do conhecimento de verdades estáveis e absolutas. (Rodrigo, 2014, p.81).

Platão compreendia que a verdade seria a pessoa exprimir a essência de um ser. O conhecimento para ele se relacionaria com o ser, seria infalível e a expressão proposicional teria que ser certa sobre o objeto. Desse modo, a opinião como conteúdo proposicional não captaria o ser, somente o conhecimento conseguiria fazer isso. Por isso, entre ter ignorância e opinião seria preferível que a pessoa tivesse opinião, visto que a ignorância seria mais obscura:

Sócrates - Ah! A opinião não seria nem ignorância nem conhecimento?

Gláucon - Parece que não.

Sócrates - Ah! Então é exterior a eles, superando o conhecimento em clareza e a ignorância em obscuridade?

Gláucon - Nem uma coisa nem outra.

Sócrates - Mas, disse eu, será que a opinião te parece mais obscura que o conhecimento, mais luminosa, porém, que a ignorância?

Gláucon - E muito... disse.

Sócrates - Então se situa no âmbito dos dois?

Gláucon - Sim.

Sócrates - Ah! A opinião seria um meio-termo entre os dois?

Gláucon - Certamente. (Platão, 2014, 478c-d).

Dessa maneira, a partir desses dois tópicos compreendemos que o ser seria um objeto do conhecimento e o que o constituiria seria a busca pela essência, verdade, unicidade e realidade de cada conceito, prezando pela estabilidade de sua estrutura. Já o não-ser seria a ignorância, ele seria o oposto do ser, seria objeto da ignorância, não teria nenhum grau de conhecimento, nem de verdade e nem da realidade. Entretanto, ainda existe um estado intermediário entre esses dois estados

que como vimos seria a opinião, ela não seria o ser, porque não conheceria a essência das coisas, apenas reconheceria a sua existência, ou seja, não seria totalmente ignorante quanto ao conhecer da essência, por isso não se igualaria totalmente a *agnosia*. Desse modo, analisaremos agora um pouco de um tema importante para Platão que seria o das Formas.

2.3 - As Formas

A partir dessa distinção feita entre o ser e o não-ser, chegamos no argumento do livro V e esse argumento se refere fundamentalmente sobre as Formas como objeto de trabalho que as/os filósofos/os utilizariam. Para deixar evidente o que Platão compreendia como Formas, trabalharemos com textos que considero essenciais para que possamos entender sobre o que seria essa teoria que era tão cara para o autor. O primeiro texto é o *Banquete* de Platão, em que Platão nos mostra a diferenciação que faz das Formas com as experiências particulares:

[...] Com efeito, quem tiver sido instruído até esse ponto no que concerne aos temas amorosos, tendo contemplado os itens belos numa sucessão correta e ordenada, à medida que se encaminha para a finalidade do tema, perceberá subitamente algo maravilhosamente belo em sua natureza, aquilo mesmo, Sócrates, em vista de que, efetivamente, foram empreendidos todos os esforços precedentes. Trata-se de algo que, antes de tudo, sempre é, não tendo a característica de vir a ser ou de perecer, tampouco de aumentar ou diminuir. Depois, não é belo em um aspecto e feio em outro, ou belo num momento e feio em outro, ou belo numa determinada relação, mas feio em outra relação, nem belo num lugar e feio em outro, por ser belo a algumas pessoas e feio a outras. O belo também não aparecerá a ele como a beleza de uma face, de uma mão ou de qualquer outra parte do corpo, nem de certo discurso ou de certa ciência, nem como estando em alguma coisa diferente de si mesmo, como num animal, na terra, no céu ou em qualquer outra coisa. Ao contrário de tudo isso, o belo lhe aparecerá em si, por si e consigo mesmo, possuindo sempre uma forma única... (Platão, 2017, 210e-211b).

Assim, podemos compreender que a Forma seria o que identificaria o X em si mesmo, ou seja, seria o que existira em si, por si e sua identidade não sofreria mudanças, por isso, Forma e conhecimento estariam relacionados para Platão, visto que para o autor o conhecimento seria infalível, não sofreria mudanças, seria seguro, absoluto, perfeito, verdadeiro e buscaria o ser de cada objeto, ou seja, a essência dele, o que o faria uno, já a opinião particularizaria esses muitos objetos: “as Formas possuem as suas propriedades de um modo impossível para as coisas individuais: a Forma de X é inequívoca, pura e completamente X, enquanto as coisas X são X apenas em parte.” (Pappas, 1996, p. 187).

Dessa maneira, temos nesse momento a formação do argumento central do livro V d'*A República*:

O argumento completo diz o seguinte:

1. O conhecimento é conhecimento do que é, enquanto a ignorância está ligada ao que não é.
2. A opinião situa-se entre o conhecimento e a ignorância.
3. De (1) e (2) segue-se que a opinião depende de algo situado entre o que é e o que não é.
4. A Forma de X é sempre X.
5. As coisas belas são também feias, as coisas justas são também injustas, as coisas sagradas são também ímpias, as coisas duplas são também meias coisas e as coisas grandes são também pequenas.
6. De (5) segue-se que uma coisa X particular tanto é X como não-X.
7. De (4) e (6) infere-se que uma coisa particular é e não é, ao passo que a Forma de X é.
8. De (1), (3) e (7) segue-se que a Forma de X é o objeto do conhecimento, ao passo que as coisas X são objetos da opinião. (Pappas, 1996, p. 158-159).

Desse modo, podemos concluir a partir do argumento explicitado premissas fundamentais para destrincharmos e entendermos ainda mais sobre a concepção platônica de conhecimento, opinião e ignorância. Então podemos compreender a partir desse argumento que: (1) o conhecimento seria o ser, a ignorância seria o não-ser, (2 e 3) enquanto a opinião seria um estado intermediário entre o ser e o não-ser. Nesse aspecto, observamos que (4) a Forma de um objeto seria sempre ele mesmo, ou seja, o que seria belo seria sempre belo, isso não mudaria e nem pereceria. Assim, (5 e 6) o que tornaria as coisas belas também coisas feias, seriam as particularidades dessas coisas, visto que desse modo estaremos observando a multiplicidade e conseqüentemente a duplicidade dessas mesmas coisas, ou seja, essas coisas belas, participariam do que seria belo, mas não seriam unicamente o belo, por isso, uma coisa X particular tanto teria o ser como também o não-ser (não-X). Dessa maneira, (7) podemos concluir a partir do argumento que essas coisas particulares estariam no âmbito da opinião, ou seja, desse estado intermediário entre o ser e o não-ser, enquanto as Formas seriam o conhecimento perfeito, visto que elas são. Logo, (8) temos como o resultado do argumento central do livro V d'*A República* que os objetos de conhecimento para Platão seriam a Forma de X, enquanto as coisas X seriam objetos da opinião, tendo em vista que elas seriam os particulares.

Para deixar ainda mais evidente o que Platão compreendia por ser as Formas, existe um texto intitulado *Aprendendo Sobre Platão com Aristóteles* em que o autor Christopher Shields, mostra aos seus leitores como Aristóteles compreendia a teoria das Formas platônicas. Nele, podemos observar que Aristóteles explicita que Platão entendia que as entidades sensíveis não seriam seguras porquê elas estariam sempre

em um fluxo, ou seja, estariam constantemente mudando e sofrendo alterações, desse modo, as pessoas não conseguiriam chegar em um conhecimento que fosse seguro, estável e imutável, por isso que para ele os objetos de conhecimento das pessoas teriam que estar firmados nas entidades inteligíveis, haja visto que somente nelas as coisas não mudariam e não estaria em constante fluxo:

Platão, nos diz Aristóteles, restringiu a tese de Heráclito ao mundo sensível, argumentando que não poderia haver conhecimento se houvesse somente entidades sensíveis em um eterno fluxo. Como Aristóteles sugere em um contexto similar em outro lugar, tentar conhecer o que está sempre mudando é como “correr atrás de pássaros” (*Metaph.* 1009b38-1010a1). Assim, se supusermos que há conhecimento – por exemplo, sabemos que $2 + 2 = 4$ -, então deve haver objetos de conhecimentos não sensíveis, objetos que são perfeitamente estáveis e que nunca mudam. Eles são as Formas. Tomando-o junto, o argumento de Aristóteles em prol das Formas Platônicas é:

1. os objetos de percepção estão para sempre em um fluxo;
2. o que está em um fluxo não pode ser conhecido; assim,
3. os objetos de percepção não podem ser objetos de conhecimento – se houver conhecimento;
4. há objetos de conhecimento, já que de fato conhecemos algumas coisas; donde
5. os objetos de nosso conhecimento devem ser não sensíveis e nunca estão em fluxo.

Denomine tais objetos de Formas. (Shields, 2011, p. 378).

O primordial a ser perguntado é o que Sócrates estava buscando ao interrogar seus interlocutores e acredito que seja o conhecimento sobre aquele objeto que depositavam suas crenças e não a mera opinião que seus interlocutores tinham sobre ele. Por isso, Sócrates não perguntava se as coisas eram belas ou se seriam coisas justas, porque a opinião que cada pessoa pode ter sobre isso poderia variar e na maioria das vezes apenas era respondido uma particularidade daquele objeto, mas questionava sobre o que seria essência real do que seria o belo e do que seria a justiça. Como Platão apresenta nessa passagem d’*A República*:

Os que veem muitas coisas belas, mas não o próprio belo, nem são capazes de seguir quem os guia até ele, e veem muitas coisas justas, mas não o justo em si, e tudo o mais dessa maneira, afirmamos que sobre tudo isso eles têm opinião, mas das coisas sobre as quais têm uma opinião nada conhecem (Platão, 2014, 479e).

Assim, a partir de tudo o que investigamos nesse capítulo, conseguimos entender sobre o que seria, o ser, o não-ser e as Formas para Platão. Foi importante pois desse modo tivemos a oportunidade de fechar as lacunas sobre esse argumento que é tão fundamental n’*A República*, sobre todos os aspectos que Platão compreendia sobre o conhecimento, a opinião e a ignorância, relacionando os dois primeiros ao pensamento crítico e o pensamento não crítico. Partindo de toda essa investigação que fizemos nos dois primeiros capítulos, chegamos no terceiro capítulo

dessa monografia e nele buscaremos analisar se é possível existir enlaces entre a concepção de Platão sobre pensamento crítico e ele no contexto contemporâneo de filosofia, além de pensarmos se é possível que a/o estudante realize um progresso da *doxa* para *episteme* em uma aula de filosofia.

Capítulo III

O Pensamento Crítico no contexto contemporâneo do ensino de Filosofia

3.1 - Existem enlaces entre a concepção platônica de Pensamento Crítico e ele no contexto contemporâneo de filosofia?

O pensamento crítico durante muitos anos foi e é totalmente associado a disciplina de filosofia e isso ocorre muitas vezes porque a grande maioria das pessoas compreende a filosofia como a disciplina do pensar, do refletir, logo, entendem o pensamento crítico como intrínseco a filosofia. Embora Silvio Gallo apresente em seu texto *Ensino de filosofia: avaliação e materiais didáticos*, que:

A justificação para o ensino da filosofia confere a esta disciplina um papel que não é e não pode ser exclusivo dela. Isto é, se desejamos uma educação que forme a criticidade dos jovens, a filosofia pode ser um dos elementos desta formação, mas certamente não é e não pode ser o único. A criticidade não é exclusiva da filosofia e não pode ser creditada exclusivamente a ela. Ou as demais disciplinas também são formadoras da consciência crítica ou esta formação é impossível. (Gallo, 2010, p.160).

Na minha perspectiva, compreendo que o pensamento crítico não é exclusivo da filosofia, mas me atenho a ele no ensino de filosofia pois é onde vejo que ele é imanente, assim, sendo intrínseco a filosofia. Por isso, por mais que em outras disciplinas o pensamento seja desenvolvido, é na filosofia que constantemente estamos pensando de maneira filosófica e crítica.

Partindo disso, venho pensando a respeito da filosofia no nosso contexto contemporâneo e um texto que deve ser ressaltado nesse momento é *O Brasil não pode renunciar a filosofar, mas precisa refundar seu discurso-práxis desde sua condição e partir de sujeitos epistemológicos-políticos*, de Leno Danner e Vitor Cei, visto que cada vez mais se faz necessário que discutamos não só em sala de aula como em outros âmbitos de nossa vida esses temas que fazem parte de nossa realidade e que nos são tão caros, como é apresentado a seguir:

Pode o Brasil renunciar a filosofar? O Brasil não pode renunciar a filosofar, respondemos. Mais do que nunca se faz necessário pensar problemas

concretos como o racismo, machismo, crise política, peemedebismo, judicialização da política, fundamentalismo religioso, ascensão conservadora e criar novos conceitos cultivando um desconforto intelectual diante do horizonte da dinâmica teórica brasileira contemporânea. (Danner, Cei, 2017)

Desse modo, observo porque a filosofia incomoda tanto algumas pessoas, porque ela vem trazer para a superfície temas e discussões que para muitas pessoas deveriam continuar nas profundezas, sendo assim, causando realmente um desconforto intelectual, como é citado. A filosofia nos permite pensar, dialogar, nos fazer perguntas e nem sempre encontrar respostas para esses questionamentos que são tão imanentes em nossa sociedade.

É interessante pensarmos nesse momento sobre o conhecimento no contexto contemporâneo em que as pessoas estão inseridas, ou seja, no nosso contexto atual, e um texto que nos auxilia a pensar sobre isso é capítulo sobre “*Conhecimento*” do livro *Apresentação da filosofia* de André Comte-Sponville. Esse autor explicita que em nosso contexto o conceito de conhecimento é diferente da conceituação apresentada por Platão, tendo em vista que: “Não há conhecimento absoluto, não há conhecimento perfeito, não há conhecimento infinito” (Sponville, 2002, p.55). assim, uma primeira distinção que podemos conceber entre as duas concepções é que na platônica o conhecimento seria perfeito, absoluto, não teria mudanças, por isso seria de certo modo infinito e infalível, já na concepção atual de conhecimento, não seria um conhecimento fechado, nele as pessoas teriam um conhecimento que poderia mudar, ou seja, ele seria falível e também existe a possibilidade de ele estar errado, visto que mais uma diferença entre as duas concepções é que para Platão conhecimento e verdade estariam relacionados, já Sponville apresenta que:

A verdade é o que é (*veritas essendi*: verdade do ser) ou o que corresponde exatamente ao que é (*veritas cognoscendi*: verdade do conhecimento). É por isso que nenhum conhecimento é a verdade: porque nós nunca conhecemos absolutamente o que é, nem tudo o que é. Só podemos conhecer o que quer que seja por meio dos nossos sentidos, da nossa razão, das nossas teorias. (Sponville, 2002, p.56).

A partir disso, compreendemos que aqui o conhecimento estaria relacionado aos sentidos das pessoas, mas não só a ele, porque seria uma das ferramentas que as pessoas teriam para conhecer, mas teriam também a razão para auxiliar nessa busca de conhecimento. O fundamental a ser entendido nessa concepção contemporânea apresentada por Sponville é que sobre o conhecimento as pessoas nunca conseguiriam ter acesso total a ele, assim, elas conheceriam apenas uma parte e por isso poderiam continuar conhecendo sempre, porque esse conhecimento poderia passar por mudanças, porque a pessoa conheceria, como ele intitula, um *mais*

ou menos do que existe na realidade, desse modo, o conhecimento teria graus, por isso a pessoa poderia conhecer algo mais ou menos e não precisaria conhecer sua totalidade:

Conhecer é pensar o que é: o conhecimento é uma certa relação - de conformidade, de semelhança, de adequação - entre o espírito e o mundo, entre o sujeito e o objeto. Assim, conhecemos nossos amigos, nosso bairro, nossa casa: o que temos no espírito, quando pensamos neles, corresponde mais ou menos ao que existe na realidade. (Sponville, 2002, p. 55).

Nesse aspecto, na concepção apresentada por Sponville, um conhecimento poderia ser aprimorado, corrigido, acrescentado temas para que ficasse ainda mais completo, que seria a noção de conhecimento que temos em nossa atualidade. Contudo, a noção de verdade seria praticamente inacessível no ponto de vista desse texto, mas o conhecimento teria que ter alguma verdade, não poderia simplesmente ser uma crença ou uma opinião. Seria possível conhecer? De acordo com o texto de Sponville seria possível as pessoas terem conhecimento, só não conheceriam tudo (Sponville, 2002, p.63), mas a certeza que teriam um conhecimento pleno desse objeto seria difícil dizer:

Conhecimento e verdade são, portanto, dois conceitos diferentes. Mas também são solidários. Nenhum conhecimento é a verdade; mas um conhecimento que não fosse verdadeiro não seria um conhecimento (seria um delírio, um erro, uma ilusão...). nenhum conhecimento é absoluto; mas só é um conhecimento – e não simplesmente uma crença ou uma opinião - pela parte de absoluto que comporta ou autoriza. (Sponville, 2002, p.57).

Por mais que existam discordâncias entre as duas concepções de pensamento crítico, ele do ponto de vista platônico e ele no contexto contemporâneo, provavelmente algumas pessoas não encontrem tantos enlaces entre as duas concepções de pensamento crítico, mas compreendo que por mais que existam essas diferenças, o intuito final tanto de Platão como o de Sponville é mostrar como as pessoas de algum modo terão um conhecimento, é claro que em minha análise as diferenças são claras entre o que eles compreendem sobre pensamento crítico (conhecimento), mas podemos observar que tanto na concepção platônica como na de Sponville, existe uma distinção entre conhecimento e opinião, assim, nesse aspecto os dois estão relacionadas, visto que a opinião seria uma coisa e o conhecimento seria outra coisa, então não são concepções totalmente distintas, mas também não são totalmente iguais e na minha perspectiva o interessante é isso. A partir dessa distinção entre essas duas concepções vamos esmiuçar o próximo tópico desse capítulo, em que trarei para investigação um aspecto que para mim é

fundamental nesse trabalho, o pensamento crítico no ensino de filosofia e a possibilidade do caminho da opinião para o conhecimento.

3.2 - É possível que a/o estudante realize um progresso da *doxa* para *episteme* em uma aula de filosofia?

Pensando na nossa realidade contemporânea é possível que um pensamento esteja equivocado ou limitado, pois somos pessoas que estamos em constante mudanças, tendo acertos e erros, desse modo, o mesmo acontece com o nosso pensamento, contudo, ressalto que estamos pensando propriamente como Platão idealizou em seu contexto a definição do que seria conhecimento e opinião, ou seja, do pensamento crítico e pensamento não crítico e analiso se é possível fazer conexões com o nosso contexto contemporâneo. Assim, depois de entendermos isso, seria possível que as/os estudantes fizessem um progresso da *doxa* para a *episteme*, ou seja, da opinião para o conhecimento em uma aula de filosofia?

Diante disso, conversei com o professor Fabrício Queiroz, professor de filosofia do CEPAE, escola em que realizei os meus estágios, para pensarmos um pouco do que ele compreende sobre o pensamento crítico no ensino de filosofia no contexto contemporâneo e se ele observa se é possível um progresso da opinião para o conhecimento, visto que tive a oportunidade de participar de suas aulas e observei que ele sempre estava instigando as/os estudantes a pensarem e responderem criticamente seus questionamentos.

Essa conversa que tivemos foi realizada por meio de áudio do aplicativo WhatsApp, desse modo, ele começou me respondendo que seria preciso pontuar que seria difícil colocar uma concepção de filosofia no contexto grego de Platão para uma realidade diferente de filosofia, que seria essa contemporânea, visto que em sua perspectiva são contextos muito diferentes e que talvez não existiria muitos enlaces entre eles. O professor compreende que a estrutura atual da sociedade detém uma outra concepção do que seria filosofia e pensamento crítico, tendo em vista que a filosofia sofre uma grande desvalorização por uma sociedade que não conseguiria se apropriar do pensamento crítico dentro das relações sociais, assim, ele se tornaria aquele tipo de pensamento ou das elites ou então se transformaria num instrumento doutrinário de dominação de instrumento político contestatório desse mesmo sistema, que ele entende que seria o papel da esquerda, que atribuiria a esse pensamento

crítico que vem da filosofia a possibilidade da emancipação do proletariado, do senso comum, do povo. Dessa maneira, ele observa que quando o pensamento crítico é visto como algo apartado de certos grupos de indivíduos e sendo afastados dessa experiência cultural desse grupo, eles iriam se manter alienados a um senso comum.

Assim, para ele o pensamento crítico se tornaria um produto de luxo que dentro de uma lógica de alienação mercadológica seria bastante desejável que as pessoas não tivessem essa oportunidade de desvelamento das realidades, da sua desalienação. Pontuou que seria preciso acabar com a ideia da filosofia como uma atividade purista, como se as impurezas do cotidiano fossem alheias a filosofia, por isso disse que não pretenderia retirar as/os estudantes do senso comum, mas pretende fazer com que elas e eles possam ter uma relação mais apropriada, autônoma, que não estivessem à mercê dos instrumentos de alienação, que desse modo, poderiam ter uma relação direta e consciente com essa realidade em que o senso comum seria a via imediata de conhecimento e poderiam se valer da filosofia para poder afirmar esse pensamento crítico.

Me chama atenção essa fala do professor, visto que na obra *Filosofia em sala de aula* de Lidia Maria Rodrigo, a autora pontua que: “a intenção de situar a filosofia em um patamar em que ela se torne acessível ao senso comum, ao menos nos seus termos mais simples, exige que se especifique e qualifique as diferentes formas ou níveis de aproximação com o saber filosófico.” (Rodrigo, 2009, p. 15). Dessa forma, é possível que compreendermos que o professor mesmo se valendo do senso comum das/os estudantes em um primeiro momento, consiga o delimitar para que a filosofia aconteça na sala de aula.

O professor Fabrício pontuou que entende que seria possível um caminho da opinião para o conhecimento, desde que as pessoas não transformassem a filosofia em um esoterismo, em um pensamento fechado para as poucas pessoas iniciadas, para as poucas pessoas privilegiadas, de um pequeno clube de indivíduos que deteriam essa cosmovisão ampliada que os demais não teriam. Assim, o texto *Qual ensino médio, qual filosofia (e menos Platão, mais Hannah Arendt?)* de Ronai Rocha, vem de encontro com o que foi dito pelo professor de maneira muito contundente, tendo em vista que “não é mais possível associar a filosofia com um tipo de vanguarda de pensamento que tem uma visão privilegiada, seja sobre o futuro da história e da política, seja sobre as formas de desenvolvimento da sociedade”. (Rocha, 2017, p. 11). Nessa perspectiva, o professor deixa claro que no CEPAE não existiria uma

negação do senso comum, da realidade, mas o que ocorreria seria partirem dessa realidade que seria da cultura digital, da música, da mídia, das condições precárias de vida, de trabalho, das culturas e subculturas e partindo disso esse contato seria tomado como objeto de pensamento e poderia ser problematizado pelas referências filosóficas, ou seja, com as/os diversas/os autoras/es que temos na filosofia. Pensando sobre isso de não negar o senso comum, visto que ele muitas vezes é algo que já viria com as/os estudantes, ressalto que é importante tomarmos cuidado ao aceitar todos os tipos de informações que são chegadas para nós a partir do senso comum, para não nos depararmos com *Fake News* e nos afastarmos do que nos é tão caro, que é o conhecimento.

Assim, observamos a partir dessa conversa que na perspectiva do professor Fabrício seria possível que as/os estudantes fizessem um progresso da *doxa* para a *episteme*, ou seja, da opinião para o conhecimento em uma aula de filosofia e em minha análise dessa pergunta que tanto me inquietou eu penso que a resposta para essa pergunta tem que ser pensada se tratando de um progresso filosófico, é importante que se delimite isso, porque o conhecimento hoje em dia é muito vasto e em cada área existe um tipo de progresso, por isso a distinção entre *doxa* e *episteme* está numa concepção mais estreita de conhecimento que tem a ver com o progresso no nível do entendimento das noções filosóficas, dos temas mais importantes dentro da filosofia. Se desejamos que seja feito um progresso da *doxa* para *episteme*, pensando do ponto de vista platônico, como observamos em capítulos anteriores, ele vai entender que esse progresso deverá ser realizado dentro de temas como a política, a moral, a estética, o conhecimento, a música, a educação, ou seja, de tópicos que ele considera que são importantes para as pessoas, visto que esses eram temas que ele julgou essencial para a educação de suas/seus guardiãs/es. Dessa maneira, a sugestão de progresso que ele faz é o progresso filosófico do entendimento conceitual, aquele progresso nas direções das noções em si mesmas, pois muitas das concepções que as pessoas têm no nível da *doxa* são concepções empíricas das coisas, são as imagens que são trazidas para elas, assim, muitas vezes não existiria uma reflexão conceitual precisa em cima daquela noção, por isso esse seria o progresso que a/o estudante poderia fazer em uma aula de filosofia.

A partir disso é preciso entender a importância de entrarmos no nível abstrato da filosofia, porque é lá que o progresso muitas vezes é feito, pois o pensamento abstrato é um dos instrumentos da filosofia. Algo que observei nas oportunidades que

tive em ministrar aulas e também nas aulas de outras/os professoras/es, é que muitas/os estudantes estão habituadas/os com atividades sem reflexão, ou seja, acostumadas/os com práticas de decorar os conteúdos, por isso a filosofia vai introduzir uma reflexão sobre conceitos, entendendo a relevância de pensar abstratamente algo, porque o progresso começa quando a pessoa vai se acostumando com o abstrato e é o abstrato que vai dar clareza para que ela veja o concreto.

Dessa maneira, bell hooks será fundamental nesse momento, visto que ela nos apresenta em sua obra *Ensinando Pensamento Crítico: Sabedoria Prática*, o que compreende sobre o pensamento crítico, entendendo primeiramente que “o pensamento crítico é um processo interativo, que exige participação tanto do professor quanto dos estudantes” (hooks, 2020, p. 34), desse modo, o ensino engajado seria fundamental para que as/os estudantes consigam aprender, assim, o que ocorreria seria uma troca, não sendo apenas uma transmissão do saber da/o professora/professor para as/os estudantes, assim, as/os estudantes não ficariam apenas como pessoas passivas que são receptoras/es dos conteúdos, só memorizando eles, mas sim pensando sobre esses conteúdos, refletindo sobre eles: “a pedagogia engajada é uma estratégia de ensino que tem por objetivo recuperar a vontade dos estudantes de pensar e a vontade de alcançar a total autorrealização.” (hooks, 2020, p. 33). Dessa forma, seria imprescindível que as/os estudantes se engajassem no processo do ensino da filosofia, sendo pensadores ativos/os, para que assim elas/eles consigam sair do âmbito das suas opiniões e caminhem pra um conhecimento, como a autora ressalta:

Um dos motivos pelos quais a desconstrução ficou tão popular nos círculos acadêmicos é o fato de ela ter levado as pessoas a pensar muito, com intensidade e senso crítico; a destrinchar; a mergulhar sob a superfície; a trabalhar pelo conhecimento. [...] A maioria dos estudantes resiste ao processo do pensamento crítico; ficam mais à vontade com o aprendizado que lhes permite permanecer passivos. O pensamento crítico exige que todos os participantes do processo em sala de aula estejam engajados (hooks, 2020, p. 34-35).

Por isso, um caminho da *doxa* para *episteme* seria ensinar as pessoas a desenvolverem conexões que elas não desenvolveriam antes de conhecer a filosofia, assim, a filosofia faria as pessoas progredirem na medida em que mostraria que temas que pareceriam desconectados, na realidade estariam conectados e as vezes a/o estudante não perceberia a conexão entre eles e a/o professora/professor iria mostrar que existiria sim conexão entre eles. Esse seria o progresso, se a/o estudante

conseguisse compreender isso, elas/eles em minha concepção do que analisamos sobre Platão já teriam dado esse passo que ele apresenta n' *A República* que tem que ser dado na direção da *episteme*, que seria sair do nível das imagens e ir para o nível das ideias, como Pappas nos apresenta que seria mais fácil as pessoas saírem da opinião para o conhecimento, do que da total ignorância para o conhecimento:

O argumento do Livro V é uma descrição mais confiante do que a do nosso estado ordinário. Embora careça de acutilância filosófica, a opinião escapa à total ausência de conhecimento que caracteriza a ignorância. Se a opinião, mais que a ignorância é o estado mais corrente das pessoas, então a transição para o conhecimento torna-se dramaticamente mais plausível. Pois, se os ignorantes carecem de toda a noção, a sua aquisição de conhecimentos tem de ser um salto espontâneo e gratuito para outro estado. Mas, se o estado comum é uma miscelânea de ignorância e conhecimento, a educação tem por onde pegar. Mais do que transformar os antifilósofos em novos seres, o que importa é banir a ignorância. (Pappas, 1996, p. 167).

A partir disso é importante lembrarmos mais uma vez que a opinião seria uma capacidade e o conhecimento seria outra capacidade, assim, quando passamos da opinião para o conhecimento teríamos uma mudança drástica em nossa perspectiva, mas não bastaria apenas que fosse realizado um progresso na perspectiva de cada pessoa, visto que Platão acreditava que quando uma pessoa teria conhecimento, ela abandonaria a sua antiga visão, realizando assim uma *Metanoia*. O conceito de *Metanoia* é importante e ele seria a pessoa mudar totalmente o seu pensamento a respeito de algo determinado. Um exemplo que nos ajudaria a pensar sobre isso seria se essa pessoa fizesse uma *Metanoia* de sua mente, ou seja, ela já estaria vivendo no mundo das opiniões porque seria inevitável ela não começar lá, mas perceberia que não valeria a pena ter opiniões porque elas seriam apenas um parecer seu, mesmo com a possibilidade de ela ter opiniões que seriam consideradas verdadeiras, contudo, ao procurar saber o porquê dessas opiniões serem verdadeiras, chegaria no momento em que iria compreender por que elas são, assim, elas já não seriam mais opiniões, pois depois de muita busca e investigação chegaria em um conhecimento. Logo, saindo de um lugar que ela conhecia apenas parcialmente, para o lugar que agora conhece em sua completude.

É fundamental compreendermos ainda que seria possível colocarmos em prática a concepção de pensamento crítico no ensino de filosofia a partir de Platão, mesmo que sua concepção tenha sido pensada em um outro contexto de nossa história e uma maneira possível de observarmos esse exercício em prática na sala de aula seria através de uma atividade para pensarmos a respeito desse progresso. Realizaríamos uma introdução à filosofia com uma atividade de discussão de temas,

assim, utilizaríamos um tema qualquer na filosofia dentro da sala de aula, como por exemplo, amor, justiça, bondade, ética, felicidade, para ver quais são as opiniões que as/os estudantes têm, qual seria o senso comum acerca desses temas, daí a/o professora/professor iria dizer que em um primeiro momento a pessoa apresentou as suas opiniões, mas que na verdade a filosofia convida a pessoa mais interessada por esse tema para fazer uma reflexão profunda sobre ele, não se tratando apenas de perguntar a sua opinião sobre determinado tema, mas de investigar o tema de um ponto de vista filosófico, podendo ser a partir do que uma/um filósofa/o escreveu sobre aquele tema, pensando além das concepções que essa pessoa já teria sobre ele. Logo, seria o progresso conceitual que iria constituir a filosofia, seria realizando esse aprimoramento no entendimento dos temas, tendo uma abertura para um aspecto mais conceitual, desligando-se das experiências mais imediatas sensíveis, que seria um possível caminho da *doxa* para *episteme*.

Considerações Finais

A partir de toda essa análise feita na presente monografia chegamos em pontos que considero cruciais para compreendermos O livro V da *República* à luz da perspectiva do pensamento crítico. Primeiro compreendemos a partir da investigação feita a distinção que Platão apresenta entre conhecimento e opinião, entendendo esses dois conceitos como pensamento crítico e pensamento não crítico. No primeiro capítulo observamos que o conhecimento para Platão seria verdadeiro, perfeito, infalível, puro, absoluto, cognoscível, buscaria a verdade, a realidade, a essência dos conceitos em si e somente as/os filósofas/os poderiam ter o conhecimento verdadeiro. Já a opinião para o autor seria imperfeita, pois estaria em constante mudança, seria falível, viria dos sentidos, finita, variaria de pessoa para pessoa, poderia ser falsa ou verdadeira e para ele os amantes de espetáculo eram quem tinham as opiniões. Ainda nesse capítulo, entendemos o porquê de Platão ter feito tantas críticas aos poetas e aos sofistas, visto que o que eles produziam em Atenas era um saber que ele não gostaria que suas/seus guardiãs/es espelhassem em seu comportamento, principalmente porque os poetas escreviam sobre comportamentos considerados imorais por ele e os sofistas praticavam a retórica, ou seja, ensinavam a persuadir, visando somente ensinar para que as pessoas conseguissem convencer quem tivesse as/os assistindo, emitindo suas opiniões nessa persuasão e não um conhecimento verdadeiro.

Ressaltando que essa distinção realizada a respeito do pensamento crítico e do pensamento não crítico, de conhecimento e opinião, seria compreensível em minha perspectiva entender o porquê de Platão ter se sustentado no pensamento crítico, ou seja, no conhecimento verdadeiro, tendo em vista que tanto ele como Sócrates estavam buscando em sua cidade ideal o que fosse seguro, estável, verdadeiro, infalível e não o que fosse em sua perspectiva “fraco” e facilmente mutável, visto que ele estava buscando a perfeição para sua cidade perfeita.

No segundo capítulo investigamos sobre a abordagem ontológica de *doxa* e *episteme*, entendendo sobre o que Platão compreendia sobre o ser, o não-ser e as Formas. Assim, entendemos que o ser seria o conhecimento e para ele o ser expressaria a realidade do objeto, a essência do ser em si, o que iria o fazer único, já o não-ser seria a ignorância, que seria a total falta de conhecimento, seria o contrário do ser visto que nele não teríamos nenhum grau de realidade ou verdade, entretanto,

ainda teríamos a opinião e ela seria um meio-termo entre o ser e o não-ser, tendo em vista que ela não seria a absoluta ignorância, entretanto, não seria o conhecimento absoluto, por isso ficaria entre os dois. Ainda nesse capítulo analisamos sobre os que seriam as Formas platônicas, um tema em que tantas/os filósofas/os discutem, desse modo, podemos concluir que as Formas seriam as essências reais e seriam objetos do conhecimento, visto que a partir delas as/os filósofas/os poderiam conhecer, lembrando que as Formas não mudariam, seriam sempre o X em si, seria única, haja visto que ela não particularizaria, por isso buscava a essência real, o que é belo em si e não as coisas que seriam belas, pois essas seriam muitas.

No terceiro e último capítulo analisamos se existem enlaces entre a concepção platônica de pensamento crítico e ele no contexto contemporâneo, assim, entendemos que na atualidade o conhecimento pode ser mutável e pode variar, além de que as pessoas não conseguiriam ter um conhecimento absoluto sobre tudo, mas compreendo que sim, podem ser encontrados enlaces entre essas duas concepções, principalmente, porque em minha análise entendo que as duas concepções deixam claro que existe uma diferença entre conhecimento e opinião, logo, não serão a mesma coisa, por isso as pessoas que conhecem estão na minha análise um passo à frente daquelas que emitem apenas suas opiniões, mas isso não significa que essas pessoas que emitem suas opiniões tenham que ficar apenas nesse estado, porque como vimos no tópico seguinte, é possível que as pessoas realizem um progresso da *doxa* para a *episteme*, não apenas em uma aula de filosofia, como na nossa vida. Assim, compreendo que seja possível que uma aula comece partindo de opiniões que são do senso comum das pessoas e que futuramente após muitas discussões, reflexões, imersões em temas da filosofia, acabem se tornando concretos e conseqüentemente sairemos do abstrato, assim, progredindo de maneira filosófica, partindo das opiniões para chegarmos em um conhecimento, saindo do pensamento não crítico para caminharmos para um pensamento crítico, como Platão deixa claro no livro V da *República*.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Carolina. *Ser e poder: sobre o governo do filósofo*. In: Verdade e espetáculo: Platão e a questão do ser / organização Carolina Araújo. - 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

COMTE-SPONVILLE, André. *Apresentação da Filosofia / André Comte-Sponville*: Tradução: Eduardo Brandão - São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DANNER, L. F.; CEI, V. *O Brasil não pode renunciar a filosofar, mas precisa refundar seu discurso-práxis desde sua condição e partir de seus sujeitos epistemológicos-políticos*. In: Coluna Anpof. Disponível em: <<https://anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof/o-brasil-nao-pode-renunciar-a-filosofar-mas-precisa-refundar-seu-discurso-praxis-desde-sua-condicao-e-a-partir-de-seus-sujeitos-epistemologico-politicos>>. Acesso em 22, outubro, 2023.

FERRARI, Franco. *Conhecimento filosófico e opinião política no livro V da República de Platão*. In: Verdade e espetáculo: Platão e a questão do ser / organização Carolina Araújo. - 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

GALLO, Silvio. *Ensino de filosofia: avaliação e materiais didáticos*. In: Filosofia: ensino médio. Coordenação: Marcelo Carvalho e Márcio Danelon. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 212 p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 14).

HOOKS, Bell. *Ensinando Pensamento Crítico: Sabedoria Prática / Bell Hooks*; Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

PAPPAS, Nickolas. *A República de Platão*. Lisboa: edições 70, 1996.

PLATÃO. *A República: [ou sobre a justiça, diálogo político]*. Tradução Anna Lia Amaral de Almeida Prado. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2014. - (Paideia).

PLATÃO. *Banquete*. Tradução de Anderson de Paula Borges. Petrópolis: Vozes, 2017.

PLATÃO. *Fedro*. Edição bilíngue. Grego/Português. Tradução e apresentação de José Cavalcante de Souza. Posfácio e notas de José Trindade Santos. São Paulo, 2016. Editora 34.

PLATÃO. *Teeteto*. Tradução de Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. 3ª edição. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

ROCHA, R. “Qual ensino médio, qual filosofia” (e menos Platão, mais Hannah Arendt?). UFRGS – IV Workshop de Filosofia e Ensino 28 a 30 de junho de 2017.

RODRIGO, Lidia M. *Filosofia em sala de aula – teoria e prática para o ensino médio*. Campinas: SP: Autores Associados: 2009.

RODRIGO, Lidia M. *Platão e o debate educativo na Grécia clássica* / Lidia Maria Rodrigo. - Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2014.

SHIELDS, Christopher. *Aprendendo Sobre Platão com Aristóteles*. In: Platão / Hugh H. Benson... [et al.]; tradução: Marco Antonio de Ávila Zingano. - Porto Alegre. Artmed, 2011.